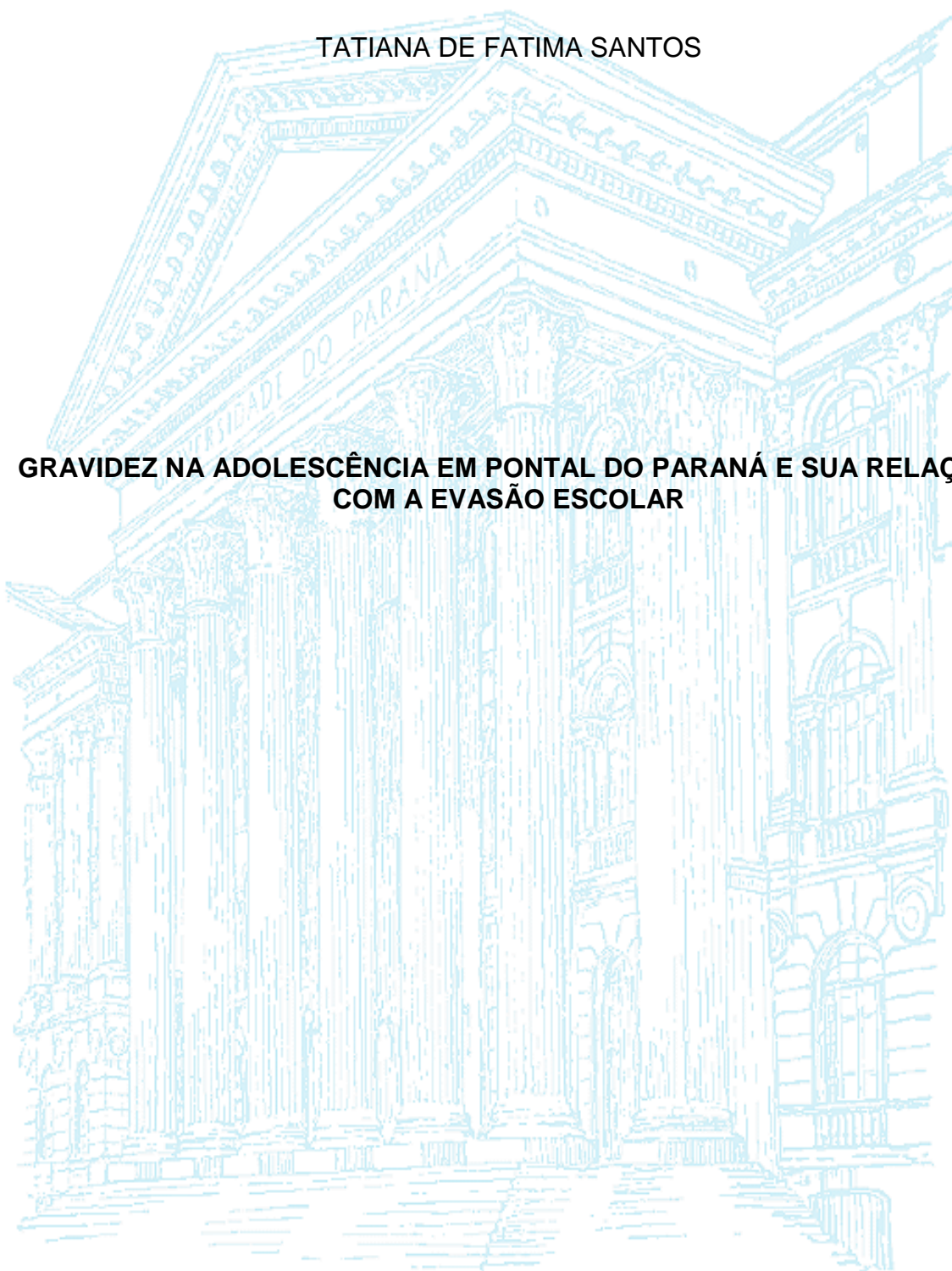


**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – SETOR LITORAL  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS**

**TATIANA DE FATIMA SANTOS**

**GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA EM PONTAL DO PARANÁ E SUA RELAÇÃO  
COM A EVASÃO ESCOLAR**



**CURITIBA  
2015**

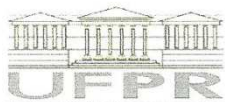
TATIANA DE FATIMA SANTOS

**GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA EM PONTAL DO PARANÁ E SUA RELAÇÃO  
COM A EVASÃO ESCOLAR**

Artigo apresentado para conclusão do Curso de Especialização Educação em Direitos Humanos da Universidade Federal do Paraná.

Orientação: Prof. MsC. Maurício Polidoro.

CURITIBA  
2015



Anos 1912-2012



## PARECER DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Os membros da Banca Examinadora designada pela Co-Orientadora Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. **MARÍLIA PINTO FERREIRA MURATA** realizaram em 13/06/2015 a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da estudante **TATIANA DE FATIMA SANTOS**, sob o título “*Gravidez na adolescência em pontal do Paraná e sua relação com a evasão escolar*”, para obtenção do Título de Especialista em *Educação em Direitos Humanos* pela Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral, tendo a estudante recebido nota “ 8,0 ” e conceito “ AS ”.

Matinhos, 13 de junho de 2015.

Prof. Dr. Marília Pinto Ferreira Murata  
Co-orientadora do Curso de Especialização  
Educação em Direitos Humanos – Pólo  
Pontal do Paraná

Prof. Rosane E. Barros Santana  
Tutora do Curso de Especialização Educação  
em Direitos Humanos – Pólo Pontal do  
Paraná

Prof. Dr. Juliana Quadros  
Coordenadora em Exercício do Curso de  
Especialização Educação em Direitos  
Humanos

TATIANA DE FATIMA SANTOS  
Estudante do Curso de Especialização  
Educação em Direitos Humanos  
UFPR Setor Litoral

# GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA EM PONTAL DO PARANÁ E SUA RELAÇÃO COM A EVASÃO ESCOLAR

Tatiana de Fátima Santos\*

## RESUMO

O presente artigo é uma reflexão sobre a Questão Social da Gravidez na adolescência em Pontal do Paraná, investigou os conflitos vivenciados pelas adolescentes após a descoberta da gestação, visa também apresentar o ponto de vista de alguns professores da rede pública de ensino com relação a evasão escolar. As adolescentes conseguem levar o estudo adiante apesar da Gravidez? Três eixos temáticos orientam a organização do trabalho: (1) a Gravidez na adolescência e Questão Social associada a evasão escolar. (2) fatores precursores relacionados à educação. (3) fatores socioculturais associados ao município litorâneo. Apresenta a adolescência como uma fase de constantes transformações corporais e comportamentais, a família como a base de apoio na iniciação da educação sexual dos adolescentes com o objetivo de conhecer e analisar os impactos decorrentes da gravidez, na adolescência. Foi realizado entrevista e uma roda de conversa com adolescentes e professores de uma escola pública em Pontal do Paraná, onde foram entrevistadas 03 adolescentes, na maioria dos casos elas sofrem alterações em decorrência da vivência de maternidade e acreditam que a informação é a melhor forma para prevenção.

– **Chave:** adolescência, gravidez na adolescência, anticoncepção e evasão escolar.

## ABSTRACT

This article is a reflection on the social issue of teenage pregnancy in Pontal do Paraná, investigated the conflicts experienced by the adolescents after the discovery of pregnancy, also aims to present the point of view of some teachers from the public school system regarding evasion school. The teenagers can take the study forward despite Pregnancy? Three themes guide the organization of work: (1) Adolescent pregnancy and Social Issues associated with truancy. (2) Precursor factors related to education. (3) sociocultural factors associated with the coastal city. Presents adolescence as a phase of constant physical and behavioral changes, the family as the basis of support in the initiation of sexual education of adolescents in order to understand and analyze the impacts of pregnancy in adolescence. We conducted interviews and a round of conversation with teenagers and teachers of a public school in Pontal do Paraná, where they were interviewed 03 teenagers, in most cases they are altered as a result of maternity experience and believe that information is the best way to prevention.

## ABSTRACT

**Key words:** adolescence, teenage pregnancy, contraception and truancy.

---

\*

Assistente Social graduada pela Universidade Federal do Paraná (2011). “Especialista em Questão Social pela Perspectiva Interdisciplinar” Universidade Federal do Paraná (2012), Trabalho de Conclusão de Curso a ser apresentado ao Curso de Especialização em Educação em Direitos Humanos da Universidade Federal do Paraná Educação a distância; E-mail: tatianasantose@gmail.com

## 1. INTRODUÇÃO.

Construído a partir de uma observação da autora, durante as consultas do pré-natal na unidade de Saúde “Casa da Mulher” no balneário Ipanema em Pontal do Paraná, a investigação realizada deu início em novembro do ano de 2013, após diálogo com algumas adolescentes gestantes na sala de espera, as mesmas relataram que tinham entre 14 e 15 anos, e pararam de estudar assim que ficaram sabendo da gestação. Este artigo parte de uma observação reiterada das problemáticas analisadas e buscou identificar a opinião das adolescentes e profissionais da educação, sobre gravidez na adolescência e métodos de prevenção. Busca-se as possibilidades em debater o assunto durante o ano letivo como método de prevenção da evasão escolar.

Os dados foram analisados com um olhar voltado para o enfrentamento da questão e traz informações sobre o que é a adolescência e como evitar a gravidez precoce e a evasão escolar das adolescentes gestantes. A análise das informações dos professores e das alunas após uma roda de conversa, permitiu uma reflexão sobre o que pedem as alunas e o que sugerem os professores sobre o papel da escola neste assunto.

A origem deste trabalho foi uma investigação realizada ao final do curso de Especialização em Educação em Direitos Humanos. O estudo inicial constitui-se em uma reflexão sobre o desafio e a responsabilidade da escola em auxiliar no incentivo para não haver o abandono dos estudos, uma vez que já existem políticas públicas que se voltam para garantir a frequência através da realização de trabalhos em domicílio, porque uma gravidez instalada compromete o acesso e a permanência na escola, ou que seja permitido a companhia da criança junto a mãe durante as aulas, quando a mesma não tiver com quem deixar, para que a criança não seja o motivo para a mãe não parar de estudar, vimos que pode ser um direito que temos que discutir na educação básica.

A ideia é que este artigo possa contribuir para que as escolas realizem palestras educativas para as crianças e adolescentes mostrando relatos de jovens do município de Pontal do Paraná, que engravidaram e precisaram deixar os

estudos para cuidar dos seus filhos, para que estes relatos sirvam como método preventivo e de conscientização.

Da pesquisa realizada, duas questões nortearam o trabalho a partir do questionário aplicado a 03 (três), adolescentes e 02 (dois), professores da rede de ensino fundamental e foram melhor analisadas neste artigo, as perguntas exigiam respostas abertas. Estas foram transcritas na íntegra e utilizadas na pesquisa.

Metodologicamente, o presente estudo passou por uma revisão da literatura, com levantamento bibliográfico consistindo na busca por artigos relacionados ao tema via internet, utilizando-se as seguintes palavras-chave: adolescência, gravidez na adolescência, evasão escolar e outros. As buscas foram realizadas entre os meses de fevereiro e maio de 2015, sendo utilizadas as seguintes bases de dados: Lilacs, UFPR Litoral, SciELO, Revista FACEVV. Foram encontrados mais de 60 artigos relacionados ao tema, sendo que destes foram selecionados 05. Os artigos excluídos foram aqueles cujo ano de publicação eram inferiores a 2000, sendo algumas exceções feitas quando o artigo em questão continha assunto relevante ao tema.

## **2. A QUESTÃO SOCIAL DA GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA.**



FIGURA 1- Gravidez na adolescência

Fonte: Cecília Jorge Repórter da Agência Brasil (2012).

A partir da curiosidade acerca da sexualidade, a maior parte dos adolescentes tende a iniciar a sua vida sexual precocemente sem dar a devida atenção aos riscos que ocorre, se praticar o sexo sem proteção.

Para Santrock (2003, p. 240),

Na adolescência, a vida é envolta pela sexualidade. É um período de exploração e de experimentação sexual, de fantasias e realidades sexuais, de incorporação da sexualidade na identidade da pessoa. Os adolescentes sentem uma curiosidade quase insaciável pelos mistérios do sexo. Pensam se são sexualmente atraentes, em como fazer sexo e no que o futuro reserva para suas vidas sexuais.

Bock, Furtado e Teixeira (2002), afirmam que o sexo na adolescência “parece estar sempre no limite entre o desejo e a repressão”. Fase na qual as conversas envolvem namoro, brincadeiras e tabus. É uma fase do desenvolvimento humano que está entre infância e a fase adulta. Muitas alterações são percebidas na fisiologia do organismo, nos pensamentos e nas atitudes das jovens.

Para os autores, “[...] o sexo fica num discurso nunca dito”. Vimos a todo instante, questões a cerca do sexo sendo divulgadas na mídia e vivenciamos diversos e relacionamentos amorosos, entretanto nada dizemos. Sobre a origem da sexualidade em nos humanos, de acordo com a teoria de Freud em Bock, Furtado e Teixeira (2002, p. 233), inicia-se esta fase desde o nascimento da criança.

“A criança, assim que nasce, está preparada para lutar pela sua sobrevivência. Ela irá sugar o leite materno, auxiliada por um reflexo conhecido como reflexo de sucção. Este reflexo é acompanhado do prazer do contato da mucosa bucal com o seio materno. Parece óbvio pensar que tal função (alimentação), tão fundamental para o recém-nascido, não pode ser desagradável, ainda mais sabendo que o reflexo de sucção logo desaparecerá. Em pouco tempo, a criança aprenderá que o contato do seu próprio dedo com a boca também causa prazer. Neste caso, o prazer não está mais vinculado à finalidade de sobrevivência, mas é apenas o prazer de erotismo e considera seu aparecimento com a primeira manifestação da sexualidade. Ora, essa tão singela e inocente descoberta será fundamental para que a criança percorra o caminho que a levará à busca do prazer sexual, que também está desvinculado de suas finalidades, já a relação sexual se dá pelo prazer que ela oferece ao indivíduo, e não por um reflexo da espécie”.

A gravidez é o período de crescimento e desenvolvimento do embrião na mulher e envolve várias alterações físicas e psicológicas. Desde o crescimento do útero e alterações nas mamas, a preocupações sobre o futuro da criança que ainda

irá nascer que surgem desde o resultado do exame que confirma a gestação. São pensamentos e alterações importantes para o período que requer cuidados e uma atenção especial principalmente com relação a alimentação da mãe. Adolescência e gravidez, quando ocorrem juntas, podem acarretar sérias consequências para todos os familiares, porque a família não está preparada psicologicamente para receber a notícia de que aquela menina, que deveria estar estudando ou ainda “Brincando de boneca”, está grávida e vai ter um bebê. Para os adolescentes envolvidos, acaba gerando uma série de crises e conflitos familiares.

O que acontece é que esses jovens não estão preparados emocionalmente e nem mesmo financeiramente para assumir tamanha responsabilidade, a situação permite que muitas adolescentes saiam de casa, cometam abortos, deixam os estudos ou abandonam as crianças sem saber o que fazer, fugindo da própria realidade.

No início do século XVII, segundo Ariés (1981), brincadeiras com os órgãos genitais das crianças faziam parte do costume da época; as crianças presenciavam e até mesmo participavam de brincadeiras que na sociedade atual consideramos obscenas. No século XVIII, adolescentes entre 12 e 14 anos de idade já estavam se casando, constituindo família, adquirindo as mesmas responsabilidades de um adulto. Os casamentos eram “arranjados”; os pais negociavam os casamentos dos filhos. A função das meninas era cuidar dos filhos e dos afazeres de casa. Aos meninos era incumbida a função de manter a casa, as negociações, e não participavam do processo de educação dos filhos. Em uma sociedade patriarcal, as mulheres eram extremamente submissas ao marido. No século XX, a maioridade civil passa de 12 para 16 anos para as mulheres e 14 para 18 anos para os homens, entretanto ainda neste século os casamentos eram negociados e aqueles que não queriam acatar as ordens dadas pelos pais, deveriam fugir.

De acordo com Souza, (1997, p. 25) “o casamento não se baseava numa escolha afetiva de parceiros e muito mais numa forma de obediência às expectativas familiares e sociais.” Por essas questões apontadas acima, era comum naquele período, adolescentes em vivência de maternidade ou paternidade.



Souza (1997, p. 26) aponta que a rigidez nos padrões de comportamento e a aplicação de castigos severos, era outra característica da família hierarquizada, era proibido, falar de assuntos sexuais, a “não ser entre adultos do mesmo sexo”, pois as mulheres quase sempre eram convidadas a se retirarem das salas, onde aconteciam estas conversas entre homens, e as crianças não recebiam nenhum tipo de informação. Assim, a busca por igualdade de gênero se faz presente a todo o momento, as decisões passam a serem tomadas conjuntamente e os cuidados com os filhos passam a ser compartilhados principalmente no âmbito das relações sexuais.

Surgem mudanças também nas relações com os filhos [...]. Há um estímulo à livre expressão de ideias e sentimentos, as diferenças são valorizadas e consideradas fator de enriquecimento. Os conceitos de certo e errado perdem sua rigidez, atendo-se a fatores subjetivos. Em consequência, os castigos corporais são banidos e recorre-se à argumentação e ao diálogo. A sexualidade não deve mais ser encarada como tabu e sim tratada com naturalidade, o respeito à individualidade do outro torna-se o único limite à liberdade de escolha. (SOUZA, 1997, p. 27).

Já no século XXI, momento que é permitido a escolha de parceiros e tem a oportunidade para se casar, há maior liberdade para se falar sobre sexualidade. Entre os próprios adolescentes esta conversa ocorre livremente e sem constrangimentos, porém com seus pais raramente acontece. Apesar da cultura brasileira ter avançado neste aspecto, ainda vivenciamos práticas conservadoras e por este motivo os pais tendem a limitar este tipo de conversa.

Hoje com a era digital houve a queda dos comportamentos conservadores, facilitando o acesso a encontros e ao hábito de “ficar”, os adolescentes acabam se relacionando e iniciam uma vida sexual sem orientação e cada vez mais cedo. Não utilizam nenhum método contraceptivo, embora haja distribuição gratuita pelos órgãos de saúde pública, seja por desconhecimento ou por tentativa de esconder dos pais a vida sexual ativa, fazem com que a cada dia a atividade sexual entre adolescentes cresça e conseqüentemente haja um aumento do número de gravidez na adolescência. A gestação precoce pode estar relacionada com diferentes fatores, desde estrutura familiar, formação psicológica e baixa autoestima. Por isso, o apoio da família é tão importante, pois a família é a base que poderá proporcionar compreensão, diálogo, segurança, afeto e auxílio para que tanto os adolescentes envolvidos quanto a criança que foi ou será gerada se desenvolvam saudavelmente.

É muito importante que a adolescente faça o pré-natal para que possa compreender melhor o que está acontecendo com seu corpo, seu bebê, prevenir doenças e poder conversar abertamente com um profissional, sanando as dúvidas que angustiam as adolescentes.

Com o apoio da família, aborto e dificuldades relacionadas a amamentação têm seus riscos diminuídos. Alterações na gestação envolvem uma série de modificações no organismo da jovem grávida os sintomas de depressão e humor podem piorar ou melhorar. Para muitos destes jovens, não há perspectiva no futuro, não há planos de vida. Somado a isso, a falta de orientação sexual e de informações pertinentes, a mídia que passa aos jovens a intenção de sensualidade, libido, beleza e liberdade sexual, além da comum fase de fazer tudo por impulso, sem pensar nas consequências, aumenta ainda mais a incidência de gestação na adolescência.

### **3. . AS RELAÇÕES ENTRE GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA E A EVASÃO ESCOLAR.**

No Brasil, a evasão escolar é um grande desafio para as escolas, pais e para o sistema educacional. As causas da evasão escolar são variadas e entre elas estão as condições socioeconômicas, culturais, gravidez na adolescência, entres outras que podem ser apontadas como causas possíveis para a evasão escolar no Brasil. Segundo a legislação brasileira, o ensino fundamental é obrigatório para as crianças e adolescentes de 6 a 14 anos, sendo responsabilidade das famílias e do Estado garantir a eles uma educação integral.

A gravidez causa inúmeras motivações na vida de uma adolescente. No que se refere ao contexto escolar, pode se constituir em um obstáculo, tendo em vista que muitas vezes, quando engravidam, as adolescentes não recebem apoio necessário dos educadores. Neste sentido, a escola tem um papel fundamental para enfrentar esta questão e para contribuir na educação das adolescentes, observa-se de acordo com o Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde que:

Acentua-se um rejuvenescimento do processo reprodutivo. A fecundidade das mulheres mais jovens (15 a 19 anos) passou a representar 23% da taxa total, em 2006, em contraste com 17% em 1996 (...). Entre as jovens de 15 a 19 anos, 23% estavam grávidas no momento da pesquisa e 12% já estiveram grávidas, mas não tiveram filhos nascidos vivos (PNDS-2006, p.34).

A organização curricular do sistema educacional brasileiro deixa para a sociedade a expectativa de que todos os jovens concluam o ensino médio até os 18 anos; porém, é grande o número de adolescentes que engravidam e abandonam a escola devido às dificuldades para estudar, cuidar do filho e, muitas vezes, trabalhar para sustentar a criança sozinha, sem o apoio do parceiro que, conforme nossa pesquisa, em praticamente todos os casos não assumiu a paternidade.

A gravidez na adolescência é uma das principais causas de evasão escolar, assim, faz-se necessário que sejam tomadas providências para o enfrentamento dessa questão para diminuição dos índices de evasão escolar, pois com ela vêm à tona várias outras consequências.

Quando uma adolescente abandona a escola está perdendo oportunidades de trabalho, pois, o mercado está cada vez mais exigente e competitivo e, nesse caso, a adolescente terá menos condições para competir com outros profissionais mais qualificados por terem continuado a estudar. Consequentemente, a jovem acaba se vendo obrigada a se submeter a trabalhos subalternos, sem registro em carteira e, desse modo, sua situação piora cada vez mais.

As instituições escolares e as famílias, juntas, são imprescindíveis na educação de um adolescente, como mostra o tópico a seguir.

#### **4. FATORES PRECURSORES RELACIONADOS A EDUCAÇÃO.**



FIGURA 1- Evasão escolar.

Fonte: Blog do Ewerton.

O Colégio Estadual Reneé Carvalho de Amorim, que serviu de campo para este estudo conta atualmente, com 300 alunos em três turnos. Tem uma estrutura física que, em tese, possibilita um bom trabalho educacional de orientação e de prevenção. Conta com 04 salas de aulas, biblioteca, sala de informática, sala dos professores, sanitários, sala da direção, sala dos pedagogos, secretaria, depósito, cozinha e pátio descoberto. Está localizada no Balneário Ipanema e atende à demanda de vagas dos balneários vizinhos. Os alunos atendidos por ela são de famílias de classe média e muitos dos adolescentes que ali estudam, desenvolve algum trabalho para auxiliar na renda familiar.

Conforme dialogo com professores e adolescentes gestantes sobre o assunto nos permitiu uma reflexão sobre o que pedem as alunas e o que sugerem os professores sobre o papel da escola sobre a questão relacionada a gravidez na adolescência. Procurou-se saber dos profissionais que participaram da pesquisa, quais as intervenções que podem ser adotadas para evitar que a adolescente grávida abandone a escola e observa-se que ambos estão de acordo sobre o assunto.

Orientar como proceder em relação à gravidez precoce, é uma das tarefas mais difíceis que eu já desenvolvi, porque falar com estes adolescentes está cada vez mais complexo, mas, se tratando sobre sexo eles acabam se interessando. Procuro ser amigo e tento tirar deles o que está se passando, foi uma forma de tentar usar a liderança e conscientizar, e com isso reduzir o número de gravidez precoce e ao mesmo tempo, tentar reduzir o número de jovens contaminados com doenças sexualmente transmissível (G.L.V.C, 30 ANOS).

De acordo com o professor (G.L.V.C), que se volta, para medidas preventivas, acreditamos que, mesmo hoje com as informações mais acessíveis, a gravidez na adolescência ainda existe e, possivelmente, sempre ocorrerá. Acreditamos que é preciso sim, trabalhar com a educação para a prevenção, mas é também preciso pensar que após a descoberta da gestação, a adolescente que está grávida precisa de suporte, para não ser mais uma no índice de evasão escolar.

Durante o diálogo a pedagoga comentou que “a gravidez na adolescência traz muitas mudanças, para a aluna, entre elas, os cuidados com o bebê e a rotina da futura mãe que se volta para os cuidados com a criança e com isso aumenta as dificuldades de acesso à escola e impede a adolescente de continuar os estudos. Essa profissional enfatiza que essas orientações são obrigações da família” (S.M.R, 42 ANOS).

Não se pode negar que nos cuidados práticos e diários com o bebê, somente amigos e familiares próximos, poderão ajudar à adolescente, mas a escola também pode orientar, tanto nas medidas preventivas quanto no atendimento à gestante, para criar um vínculo formando uma rede de proteção com educação X saúde. Se as famílias têm dificuldades em dar conta de algumas questões e se a escola tem o compromisso de colaborar para uma sociedade melhor, acreditamos não haver como se excluir deste processo alegando que a obrigação é da família.

Já a Constituição Federal de 1988, amplia esses deveres para o todo indicando que:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com prioridade absoluta, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-lo a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. (Constituição Federal de 1988).

A escola pode conscientizar também sobre os cuidados com a alimentação, encaminhamento para palestras, e outras ações, principalmente, voltadas para a adolescente.

Porém, orientação sexual, por muito tempo foi rejeitada pelas escolas e pelos pais. Tiba (1994) explicita que era entendido que a melhor prevenção era não tocar no assunto. Não há como desconsiderar que as consequências do que acontece com um cidadão, pode se transformar em uma questão social e a problemática expandir para outras pessoas e para a sociedade como um todo.

Falar sobre sexo na escola atualmente, é imprescindível, mas ainda a motivo de tensão de ambos os lados, adolescentes e professores. Preparar professores, atualizar conhecimentos e manter contato com os pais é indispensável para que a escola cumpra seu papel na sexualidade dos adolescentes. Porém, Rappaport (1998) contrapõe dizendo que essas tentativas de oferecer educação sexual nas escolas, não têm contribuído para bons resultados relacionados com a contracepção, e prevenção de doenças sexualmente transmissíveis.

Atualmente, o Ministério da Saúde juntamente com as secretarias estaduais e municipais, tem realizado ações voltadas a este tema, tais como: política e

campanhas nacionais em relação ao planejamento familiar incluindo adolescentes e jovens; distribuição da caderneta do adolescente; disponibilização gratuita de métodos contraceptivos para adolescentes; produção de preservativos masculinos; projeto saúde e prevenção nas escolas em parceria com o Ministério da Educação, Unicef e UNFPA e Unesco, eles desenvolvem ações educativas em saúde sexual e saúde reprodutiva; produção de materiais educativos e cursos à distância para os profissionais de saúde e educação sobre sexualidade de adolescentes.

Muitas adolescentes não possuem estrutura para criar e educar seus filhos e, a partir daí a formação humana da criança poderá ficar comprometida, podendo se tornar uma pessoa que trará prejuízos à sociedade, que sofrerá com o abandono e com a educação dada por uma adolescente que ainda não tem maturidade para educar e criar um novo ser humano, ferindo os princípios dos direitos humanos.

A comunicação entre família e escola também foi lembrada por outro profissional.

Ele ressalta que é importante que a família acompanhe o desenvolvimento do aluno na escola, sempre monitorando a sua frequência. Tal afirmação é de suma importância, pois ainda existe a cultura de “matar aula” na adolescência brasileira. Nesses momentos, muitos perigos rondam essa faixa etária ainda tão imprudente (E.F, 33 ANOS).

Este profissional percebe o lugar da família, mas o faz pensando na interação com a escola. “Ainda em relação a comunicação entre família e escola é preciso não esquecer da abordagem sobre a atividade sexual precoce e não apenas a gravidez precoce.

É preciso lembrar que a comunicação abordada aqui, passa pelo diálogo, ou seja, troca de informações através do ouvir e do falar. Por isso, não basta vigiar e avisar, é preciso ouvir e conhecer suas dúvidas e angústias.

Durante o diálogo, o (L.A.M), afirmou que é importante incentivar as alunas para que não abandonem a escola, segundo ele, normalmente a aluna abandona a escola assim que sabe da gestação. Nesta declaração, pode se perceber um sentimento de angustia desse professor, que ressalta a necessidade do incentivo e da orientação, mas principalmente destaca que há situações em que a escola não

dá conta de saber o motivo da desistência, porque as alunas começam faltando aos poucos, e por isso é acredita ser importante abordar a questão frequentemente. Contudo a escola as vezes não é informada sobre a desistência e nem sabe as razões.

É importante trabalhar de forma preventiva, ensinando desde a educação infantil que o aluno precisa, e deve cuidar de si mesmo, do seu corpo, da sua higiene e humano e pensar que sempre há uma forma de continuar e não parar (L.A.M). Principalmente das emoções, e da saúde. É preciso acreditar no ser

A adolescente gestante, sofre preconceito por conta dos vizinhos, colegas da escola e acaba se afastando, por vergonha, por isso, ela se priva de continuar levando uma vida normal, ou então, ela abandona a criança e não assume a maternidade.

Uma das adolescentes indicou algumas possibilidades que nos fazem pensar também na prevenção. Isso é possível notar quando uma delas declara que é preciso conversar mais sobre como evitar a gravidez, e outra aluna, lembra da possibilidade de distribuição gratuita de preservativos na escola.

É importante ressaltar que mesmo as perguntas que enfocaram o abandono da escola pelas adolescentes, a prevenção foi a principal sugestão tanto dos professores quanto das alunas que participaram da roda de diálogo. Mesmo assim, as alunas acrescentaram uma alternativa que não foi sequer levantada pelos profissionais: os preservativos. Os professores sugerem mais informações e debates e as alunas propõem a mesma coisa acrescentando a possibilidade de distribuição gratuita do preservativo na escola. Porque é um tabu, para alguns pais e professores que são conservadores, acreditam que se houver vai incentivar que seus filhos e ou alunos iniciem ainda mais cedo a atividade sexual. Talvez seja a hora de promover eventos e palestras sobre o tema também para a sociedade em geral.

A resposta da adolescente (J.L.S), muito nos chamou a atenção. Quanto à prevenção da gravidez na adolescência, ela respondeu o seguinte:

Olha na minha opinião, deveriam incentivar mais o adolescente a fazer o que gosta. Por exemplo, na Escola poderia colocar mais coisa, para as meninas adolescentes, como a prática de, por exemplo, uma dança, um ache, um balé. Eu adoro dançar e com certeza teria preenchido meu tempo e a cabeça e não teria ficado de namoricos, automaticamente não teria engravidado. Eu teria um motivo a mais e visto que sexo não é tudo na vida e sim um bom estudo, um emprego, e isso seria um bom incentivo para mim (J.L.S, 14 ANOS).

Interessante é observar as soluções propostas. Elas também se voltam para a cultura e lazer, como forma de prevenção. Contudo, as possibilidades se direcionam para a ludicidade e para a diversão. Todas as suas implicações pode ser apenas uma falta de outras opções. Para esta adolescente, se houver outros interesses e outros atrativos há possibilidade de não se ter o sexo como única opção de prazer que acabaria em uma gravidez antes do tempo. Como as entrevistadas já são mães ou gestantes. A Roda de diálogo pode ter proporcionado uma maneira de discutir o assunto e fortalecer as teorias e opiniões sobre mesmo.

Tanto nas respostas dos professores quanto das alunas percebe-se a ênfase na prevenção da gravidez e quase nada se refere ao futuro de quem já engravidou ou já está inserido nos índices de evasão escolar.

É importante lembrar que a vida oferece diversas possibilidades e nunca pode ser vista como algo perdido que não mereça esforços para recuperação. A adolescente gestante ou que já é mãe precisa encontrar na educação um apoio no sentido de dar continuidade aos estudos. Nunca se pode esquecer que a Constituição Brasileira (BRASIL, 1988) diz que a educação é direito de todos e a LDB em seu Artigo 3º no Inciso I garante igualdade de condições para o acesso e permanência na escola.

Mas não é o que acontece na grande maioria das escolas, as adolescentes param de estudar e acabam esquecidas pela escola, e só voltam a dar continuidade nos estudos por pressão familiar, por vontade própria, ou por conta do conselho tutelar após denúncias.



Em qualquer situação, a escola não pode deixar que essa aluna seja duplamente prejudicada assumindo responsabilidades para as quais ainda não está preparada, não estamos colocando a responsabilidade na educação, mas se a escola criasse mecanismos para a adolescente realizar atividade domiciliares, durante o período de licença maternidade, ou permitisse em casos isolados a permanência durante as aulas, poderíamos reduzir o índice de evasão escolar por conta da gravidez, não somente no Litoral do Paraná, mas em todo território nacional.

## **5. FATORES SÓCIO-CULTURAIS ASSOCIADOS AO MUNICÍPIO LITORÂNEO.**

Morar na praia é um dos objetivos de vida de muitas pessoas. Embora sabemos que para quem reside no Litoral do Paraná, tem muitas vantagens e desafios.

O litoral em época de temporada tem um fluxo intenso de turistas e aumenta a oferta de empregos temporários, o comércio em geral fica aberto até mais tarde e outros. O perfil dos moradores da região é bem diversificado, ele inclui desde aqueles que buscam uma vida mais saudável e uma melhor qualidade de vida.

Mas os desafios sempre aparecem, pode significar ter que enfrentar trânsito pesado no verão, superlotação nos ônibus circulares, principalmente nos meses mais quentes do ano, bem como em feriados e/ou aos finais de semana.

Falar sobre o litoral nos chamou a atenção e deu maior ênfase ao tema. Após o diálogo refletimos as questões e o fato de 2 das 3 adolescentes entrevistadas citar durante o diálogo a questão do litoral como um dos responsáveis por sua gravidez precoce.

“Fiquei grávida aos 13 anos, porque não tinha o que fazer, chegava da escola e ficava assistindo televisão, saía na rua e não via ninguém, minha mãe só deixava eu ir à escola. Algumas vezes e ficava contando o dia para chegar a temporada, porque na temporada eu conhecia muita gente, nessa passada eu conheci um cara que me disse que era do Norte do Paraná e me relatei com ele escondido da minha mãe, fiquei uns três dias e ele foi embora e não achei nem para dizer que estava grávida. A Isis nasceu quando eu já estava com 14. Foi um susto sim, mas um susto bom! No começo, quando eu dei a notícia, a maior preocupação da família era como iríamos sustentar um bebê. Mas no final acabei recebendo apoio de todos da família e dos amigos também” (J.L.S, 14 ANOS).

A adolescente contou que teve sorte em relação aos amigos, pois não sentiu preconceito e tampouco exclusão. J.L.S teve que parar de estudar para cuidar da Isis.

“Minhas amigas me incluíam em tudo. Não senti nenhum preconceito. Foi tudo muito tranquilo”. Ela ainda não completou um ano de idade e teve que adiar o término do ensino médio. Tive que parar para poder cuidar da Isis. Mas pretendo voltar os estudos, mas enquanto ela for pequena vai ser difícil. Acho que faltou diálogo com minha família, não tinha tanta maturidade para namorar e apesar de saber como prevenir a gravidez aconteceu”.

J.L.S orienta as meninas da sua idade que não se antecipem na maternidade.

“Cuidar de uma criança é muito desgastante. É uma responsabilidade muito grande e você tem que abrir mão de muita coisa. Para mim tem sido maravilhoso porque a amo e ela não tem culpa dos meus erros, e o pai já procurei, mas só sabia o primeiro nome dele, daí fica difícil achar, ele não tem culpa porque não sabe que tem uma filha junto comigo, meus pais e minhas irmãs são maravilhosos e me ajudam muito.

Outra adolescente, hoje com 15 anos de idade, conta que aos 14 anos estava apaixonada por um homem bem mais velho e acabou tendo suas primeiras experiências sexuais muito cedo, o que acarretou em uma gravidez precoce.

“Eu morava com minha mãe. Meu pai faleceu ano passado, e nem ficou sabendo que seria avô. Minha família é do interior, minha mãe nunca conversou comigo sobre sexo, nem eu nem minhas irmãs recebíamos orientação sexual da família. Era um assunto desconfortável demais para ser discutido dentro de casa. Na escola as amigas incentivavam eu a mentir para sair de casa. Aliado à minha idade, acabei me descuidando e fiquei grávida muito cedo. Faltava pouco para completar 14 anos”, lembra a adolescente (R.B.S 15 ANOS).

Acrescenta ainda que a mãe não sabia da sua relação com um homem mais velho e começou a relação, porque queria as coisas e mãe direcionava os presentes para o final do ano dizendo que na temporada ela comprava. R.B.S diz que ganhava dele os presentes e escondia da mãe. Relatou também das dificuldades financeiras que a família passava durante o inverno e que muitas vezes o dinheiro da temporada não sobrava para a sobrevivência durante o ano.

“Quando ela ficou sabendo de tudo, eu já estava grávida de seis meses. O pai do bebê primeiro sugeriu que eu abortasse, mas depois desistiu da ideia. Eu senti muito medo porque os vizinhos diziam que eu poderia morrer por estar grávida com tão pouca idade. Eu ainda era uma criança e os próprios médicos disseram logo que seria parto cesariano por conta dos riscos”. (R.B.S 15 ANOS).

A adolescente desistiu de estudar por sentir vergonha do modo como seus colegas da mesma idade a olhavam. Ela diz que era sempre motivo de risadas e era apontada na escola e na rua, pelos vizinhos, e que as mães das colegas a tratavam com preconceito.

“Era como se eu fosse uma má influência para as outras meninas. Eu mesma me sentia muito confusa, e depois que meu filho nasceu eu falava que era meu irmão para quem perguntava. Até me acostumar com a situação, foi difícil”. (R.B.S 15 ANOS).

Quando o filho de R.B.S nasceu, a então adolescente tentou voltar a estudar, mas não conseguiu se concentrar nos estudos. Estava sempre preocupada com o bebê e imaginava que as pessoas ao seu redor iam continuar com o julgamento.

“Sempre tive o apoio da minha mãe e isso me ajudou a superar a fase. O pai do meu filho só esteve presente durante um mês e meio depois do nascimento e não o procurei mais. Ele morava em outra cidade”. (R.B.S 15 ANOS).

Acrescentou que vai conversar muito com o filho sobre sexo, drogas, amizades. Dar as orientações as quais ela nunca teve”, diz a adolescente.

“O que eu tenho para dizer às meninas que estão iniciando sua vida sexual ainda na adolescência, é que se previnam. Ser mãe é uma responsabilidade muito grande. A mulher sempre se envolve mais do que o homem quando se trata de filho e muitas vezes toda a responsabilidade fica só com a mãe. Hoje em dia é preciso estudar muito para garantir um bom futuro, e um filho pode adiar todos os seus planos, como aconteceu comigo”.

A adolescente acrescenta que a infância é um momento que se ela pudesse voltaria atrás, e certamente não teria engravidado, aproximaria mais dos pais, para ouvi-los sem criticar suas opiniões.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS.**

O presente trabalho partiu da necessidade de estudar sobre a gravidez na adolescência e a relação da maternidade e evasão escolar na adolescência afim de contribuir para ampliação do nosso conhecimento teórico e aprofundamento do estudo sobre o tema. Percebemos esta necessidade após termos vivenciado um período na unidade de Saúde “Casa da Mulher”, em Ipanema – PR, a realização da presente pesquisa permitiu uma reflexão acerca de um dilema na vida de diversas adolescentes e coloca a escola frente a grandes desafios: orientar quanto aos perigos da iniciação sexual precoce, prevenir a gravidez na adolescência e combater a evasão escolar das alunas decorrente da gravidez. Sendo a adolescência um período bastante conturbado do desenvolvimento do ser humano, a orientação de adultos é sempre importante, pois tantas mudanças físicas, psicológicas e sociais colocam o adolescente num mar de insegurança e questionamentos.

Acreditamos que nessa fase da vida, os adolescentes, tendem a não pensar nas consequências que certos atos, em especial o ato sexual sem proteção, pode trazer para si e para as pessoas que fazem parte do seu contexto familiar. Ou seja, não percebem que uma gravidez planejada ou não, pode desencadear uma série de questões de ordem econômica e principalmente social que se não forem discutidas no âmbito familiar, escolar etc., podem comprometer toda família.

É preciso ouvir mais as nossas alunas e identificar as suas angústias e anseios. A abordagem da gravidez na adolescência demonstra quão profundas são as mudanças sociais, familiares, emocionais e biológicas, passando desde a puberdade quando a estrutura corporal muitas vezes ainda não estar preparada para uma gestação, caracterizando a gravidez como de risco. Isso tem ocasionado a morte de muitas adolescentes.

Além disso, a dedicação total que exige um bebê leva muitas adolescentes a deixarem a escola, ou seja, ocorre a evasão escolar como consequência de uma gravidez. Embora existam leis e respaldos legais que garantam o direito à amamentação e permanência do bebe junto a mãe na escola, muitas não se sentem à vontade e motivadas a continuar os estudos. A pesquisa também levou a reflexão

sobre a importância da intervenção da escola tanto na prevenção quanto na assistência à aluna gestante.

Apresentou e refletiu sobre as propostas dos Parâmetros Curriculares Nacionais para a Orientação Sexual, propondo que o tema seja trabalhado em rede com outras instituições. Infelizmente, a rede de proteção ainda não faz parte do cotidiano pedagógico da escola e isso exige coletividade e diálogo entre os professores, que muitas vezes não conseguem por falta de tempo e excesso de conteúdo.

Percebeu-se no discurso tanto dos profissionais quanto das alunas que professores e alunas pedem diálogo e mais debates. Diante dos relatos dos adolescentes em geral, tanto os que estão em vivência de gravidez ou maternidade, quanto os que estão fora destas vivências, podemos concluir que a maioria dos pais não possui diálogo com os filhos ou tem dificuldades de conversar sobre o sexo com os filhos e quando realizam a conversa, na maioria das vezes, acontece através de indiretas, como os próprios adolescentes dizem e possuem o objetivo de reprimir determinada ação dos filhos e não com o objetivo de orientá-los, de esclarecer dúvidas como acreditamos que deveria ocorrer.

O trabalho de prevenção e de apoio à adolescente grávida ou mãe é um trabalho que só poderá alcançar êxito se houver participação efetiva da família, em parceria com a escola. Todos juntos apoiando a adolescente, podemos sim produzir diversas possibilidades interventivas na tentativa de impedir a evasão escolar.

As alunas parecem pedir socorro, pedem orientação e conversa. É preciso ouvi-las, incluir o maior número de possibilidades sobre o assunto no projeto político pedagógico e no currículo escolar, pois a gravidez na adolescência e suas consequências é uma situação que pode atingir a qualquer aluna. Vale ressaltar ainda que todo trabalho nesse sentido precisa abranger os riscos da atividade sexual precoce, da gravidez e das suas consequências, sejam elas da atividade sexual, sejam da gravidez.

É preciso trabalhar a autoestima das alunas e mostrar que a vida está apenas começando e que há muito para se viver. É preciso mais, muito mais. É

preciso discutir, criar e buscar outras formas de abordagens que possam trazer o efeito desejado na vida dos adolescentes.

É preciso questionar, porque tantas adolescentes acabam grávidas? Se isso representa tantas dificuldades que poderiam ser adiadas para outra fase da vida. É preciso, principalmente, que a escola encare o tema de frente, sem preconceito e com muita responsabilidade social e entendendo como educação em Direitos Humanos.

Embora a família tenha sua responsabilidade, a escola não pode fugir do seu lugar de educação. A escola tem tudo a ver com o que acontece com alunos e alunas. Seus profissionais deveriam ouvir também os meninos, pois gravidez é assunto para todos e evasão escolar não é solução para nenhum problema.

A escola não deveria abrir mão de propiciar aos seus alunos e alunas uma orientação marcada pelo direito a uma vida regida com responsabilidade e pela convicção de que há tempo para todas as coisas.

## 6. REFERÊNCIAS.

BRASIL Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira. **Sinopse Estatística da Educação, básica 2007**. Disponível em: <http://www.inep.gov.br/>, acesso 28 de maio de 2015.

BRASIL. Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Diário Oficial da República.

BRASIL, O Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei nº. 8069, de 13 de julho de 1990. Ministério da Saúde. **Saúde do adolescente e do jovem**. Disponível em: <http://portal.saude.gov.br>, Acesso 26 de Maio de 2015.

ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família**. Tradução de Dora Flaksman. 2ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1981.

BEHRING, Elaine Rossetti; BOSCHETTI, Ivanete. **Política Social – Fundamentos e história**. Biblioteca Básica, v.2, 5 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

IAMAMOTO, Marilda. **Relações Sociais e Serviço Social no Brasil – Esboço de uma interpretação histórico- metodológica**. 20 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Síntese de Indicadores Sociais – **Uma análise das condições de vida da população brasileira 2010**. Disponível em [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br). Acesso em 26 de maio de 2015.

Tratado de adolescência: **Um estudo multidisciplinar**. Rio de Janeiro: Cultura Médica, 1991. p. 31-47

Famílias enredadas. In. ACOSTA, Ana Rojas e VITALE, M.A.F. (org). **Família: rede, laços e políticas públicas**. 4. Ed. São Paulo: Cortez, 2008. p. 21-36.

Ministério da saúde: **Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde da Criança**, Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/pnds/>, acesso em 01 de junho de 2015.

ROMANELLI, G. **Autoridade e poder na família**. In. CARVALHO, Maria do Carmo B. **A família contemporânea em debate**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

SANTROCK, John W. **Adolescência**. 8ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 2003.

SOUZA, A. M. N. A família e seu espaço: **uma proposta de terapia familiar**. 2.ed. Rio de Janeiro: Agir, 1997.

TIBA, Içami. **Adolescência**: o despertar do sexo – um guia para entender o desenvolvimento sexual e afetivo nas novas gerações. São Paulo: Editora Gente, 1994.